

# Líder guarani-caiouá é executado por pistoleiro

HÉRCULES BARROS

DA EQUIPE DO CORREIO

Paulo Pinto/AE/9.1.04

**D**ez dias depois de serem despejados da área indígena Nhanderu Marangatu, por determinação do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Nelson Jobim, os 450 índios guarani-caiouás que estão sem terra sofrem agora por causa de um atentado contra um de seus principais líderes. No sábado, por volta do meio-dia, o líder guarani-caiouá Dorvalino Rocha, foi assassinado em frente à porteira que dá acesso à área de 26 hectares e às fazendas Fronteira, Morro Alto e Cedro, localizadas próximas ao município de João Antonio (MS).

O procurador da República na região de Dourados (MS), Charles Pessoa, quer a abertura de inquérito para investigar o crime. De acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o assassinato teria sido encomendado por fazendeiros da região. Só neste ano, 24 índios foram executados na região.

Segundo o relato de três índios que permaneciam acampados na beira da estrada próxima à porteira, um carro teria se aproximado do local, no sábado, e dois homens desceram portando armas. Eles apontaram para o líder indígena e, em seguida, um terceiro homem, segurança das fazendas, desceu do automóvel e disparou contra Dorvalino. Ferido à queima-roupa, o líder caiouá não resistiu e faleceu a caminho do hospital em Antonio João. Segundo o Cimi, há informações de



**A BRIGA DOS ÍNDIOS PELA POSSE DAS TERRAS VEM SE ARRASTANDO HÁ 20 ANOS. EM MARÇO, LULA HOMOLOGOU A ÁREA**

que o veículo que transportava os seguranças fugiu em direção à Fazenda Morro Alto.

A entidade religiosa denunciou o assassinato e diz que o clima entre os índios é de revolta. "O Cimi exige a imediata apuração do crime pela Polícia Federal com a decretação da prisão preventiva dos assassinos, proteção da integridade física das pessoas e da comunidade, bem como o retorno imediato dos índios ao seu território tradicional, de onde foram expulsos. Sem isto se estará estimulando e perpetuando a violência institucionalizada", diz a entidade, em nota divulgada ontem.

## Alerta

Segundo a professora Leia Aquino Prado, uma das principais líderes comunitárias do povo Guarani-Kaiowá, apesar da Polícia Militar permanecer na região, a situação continua muito tensa na região. Na sexta-feira, a coordenação dos movimentos sociais do Mato Grosso do Sul alertou a Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso do Sul e a Polícia Federal para possíveis ocorrências de violência na área onde estão os índios. Quando foram despejados em uma ação da PF, no dia 15, os índios assistiram à tentativa de incêndio de suas barracas por fazendeiros. Os índios de

Nhanderu Marangatu estão acampados à beira da rodovia estadual 384 desde então.

Em março, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva homologou a área, que está em disputa há mais de 20 anos. Em 2000, os índios ocuparam parte das fazendas, onde construíram barracos e fizeram as lavouras. A retirada dos 450 índios veio por determinação de liminar deferida pelo presidente do STF, Nelson Jobim, que negou o pedido da Funai de suspender a reintegração de posse concedida pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região. Até o julgamento do caso pelo plenário do STF, fica valendo a decisão de Jobim.